

AGRICULTURA E AGRO-ALIMENTAR

Na análise ao tecido económico da BIS foi evidente o peso do sector agro-alimentar na estrutura empresarial, em especial em Idanha-a-Nova, onde ainda é o principal empregador e aquele que contabiliza o maior número de empresas. Esta importância, que se estende por algumas freguesias de Castelo Branco e Vila Velha de Ródão - Zona Agrária Este e Sudeste da BIS – derivam das condições hidro-agrícolas (**regadio**¹), edafo-climáticas e **latifundiárias** presentes nesta área geográfica, as quais oferecem interessantes condições de produtividades, e consolidam esta zona agrária no panorama nacional como um território com oportunidades para o desenvolvimento agrícola, suportado sobretudo no desenvolvimento **da agricultura biológica**², orientada para produtos tradicionais da Região, optando pela “certificação biológica” ou pela certificação DOP, no caso do azeite e do queijo.

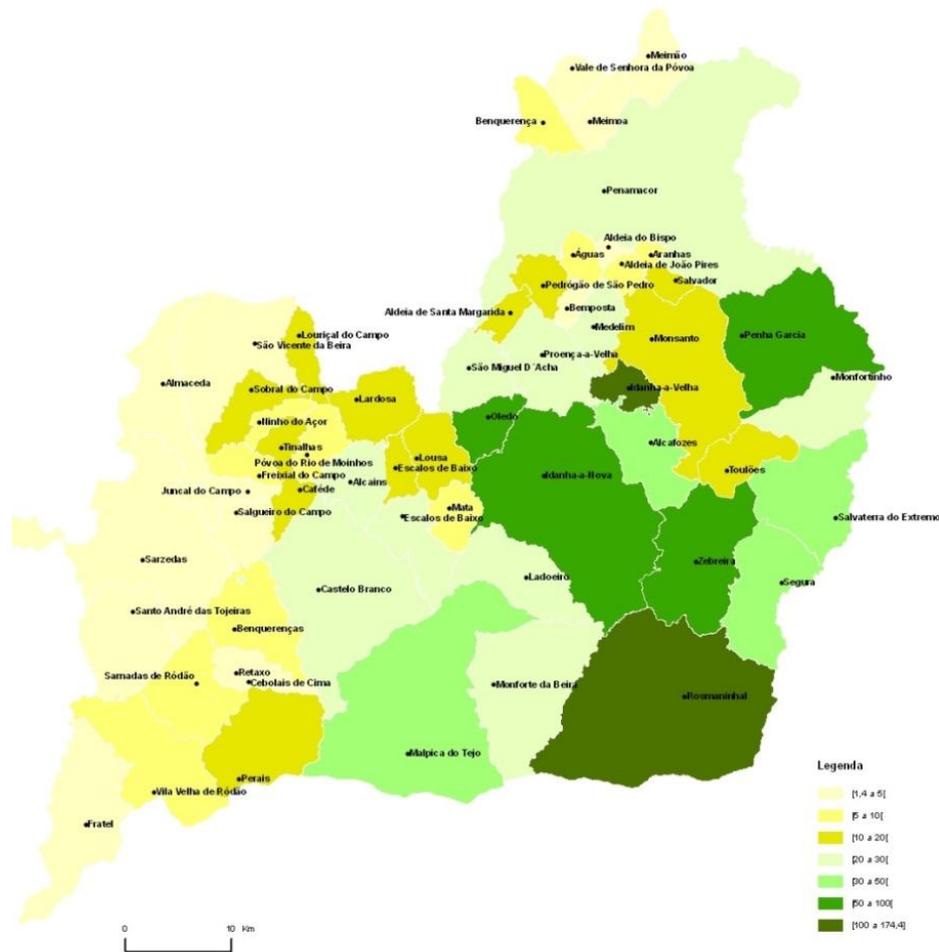
Ao longo de toda a faixa Poente e Norte da BIS, com predomínio do minifúndio, os contributos relativos são aqui diferenciados. As actividades agrícolas são desenvolvidas nos contextos familiares, associados à pluriactividade e plurirrendimento dos agregados, desempenhando um papel nuclear na viabilidade do território, numa óptica de preservação do ambiente e gestão dos recursos naturais, de salvaguarda da ocupação humana e económica das zonas rurais e de inclusão social.

Estamos pois na presença de duas realidades distintas que resultam essencialmente da tipologia do relevo e que se expressa nas dimensões das explorações agrícolas, com 43% das freguesias a apresentarem explorações de dimensão média inferior à nacional (-9,4ha/exploração) e, em sentido oposto, 20 freguesias com dimensão superior à media comunitária (+22ha) e, conseqüentemente, à nacional.

¹ A BIS contabiliza 12.682 ha de área em regadio e 2.453 beneficiários, dos quais ¾ localizam-se Zona Agrária Este e Sudeste da BIS

² Encontram-se registadas na Beira Interior Sul **605 Produções em Modo Biológico num total de 124 produtores** – Fonte DGADR, 2015

FIGURA - Dimensão média das explorações, freguesias da BIS, 2009 (ha)



Fonte: INE, Recenseamento Geral da Agricultura, 2009

Traçando um quadro geral recorrendo aos dados do último RGA, a SAU da BIS ocupa 140.048 ha³ (-29 mil/ha que em 1999), existindo 7.225 explorações (-1.188 que em 1999), ou seja, uma dimensão média de 29,1 ha/exploração (cerca do dobro da média nacional). O volume de mão-de-obra é de 5.963 UTA⁴, dos quais 83,4% são UTA familiares (País 80,1% e Centro 89,2%). As explorações com menos de 5ha representam 72% das explorações (% ainda assim inferior à média do país, 75%, e do Centro, 85%) mas apenas 8% da SAU. Em contrapartida, as explorações com mais de 20ha (10% do total de explorações) reúnem 84% da SAU.

O concelho de Idanha nesta equação numérica confirma o seu peso. Concentra 57% do total da SAU da BIS, mas apenas 23% das explorações, o que significa uma dimensão média da SAU por exploração de 47,6ha, sendo que as explorações com mais de 100ha ocupam 80% da área agrícola. As pastagens permanentes representam 62,9%, valor muito acima do verificado nos

³ Composição da SAU: os prados e pastagens permanentes representam quase metade (55,5% na BIS, ascendendo aos 62,9% em Idanha), as Terras aráveis, 38,1% e as Culturas Permanentes 16,1%.

⁴ Volume de trabalho da mão-de-obra agrícola

outros concelhos da BIS (28,5% em Vila Velha de Ródão, 43% em Penamacor e 48,5% em Castelo Branco) e no País (48,7%). Regista uma maior profissionalização pois, pese embora a mão-de-obra agrícola familiar seja também aqui dominante (67,8%), o peso dos trabalhadores assalariados é bastante superior à média do País (19,9%) e do Centro (10,8%),ultrapassando os 32%. Outro dado que reforça esta maior profissionalização do sector no concelho de Idanha-a-Nova é o facto de 69% destes trabalhadores assalariados estarem permanentes, percentagem também muito superior à do País (57%) e do Centro (56%).

A criação de ovinos constitui um dos principais subsectores da actividade agrícola na BIS, contabilizando mais de 150 mil cabeças (7% do total da País) presentes em 1.492 explorações. A criação tem como principal objectivo a produção de leite, com mais de metade das cabeças (57%) constituída por ovelhas leiteiras. Esta expressão assume maior relevo tendo em conta que a média nacional ronda os 20% e o peso das pastagens permanentes no total da SAU ascende aos 55% (em Idanha atinge 63%). A identificação IPG Borrego da Beira, associada à denominação DOP Queijos da Beira Baixa, confirmam esta importância.

Outra área de grande importância na estrutura de produção agrícola da BIS diz **respeito ao olival para produção de azeite.** Num total de 20.614ha (6,1% do País e 33% do Centro), a área do olival representa mais de 90% do total da área das culturas permanentes, percentagem muito acima do País (49%) e do Centro (57%). Geograficamente a zona Oeste e Sudoeste da BIS e a zona Norte do concelho de Penamacor, são as áreas onde o olival se apresentava como cultura principal. Os declives acentuados e a grande fragmentação das explorações agrícolas (que inviabilizam a prática de grande parte de outras culturas agrícolas) explicam a importância do olival enquanto cultura dominante. O tipo de azeite produzido está integrado na zona DOP Azeite da Beira Baixa, consagração que advém da sua qualidade e especificidade, refletida nos vários prémios nacionais e internacionais. O facto de ser proveniente, quase exclusivamente, de olivais da espécie galega (92%) constitui um dos factores que garantem a especificidade do azeite produzido nesta Região homogénea.

Quanto às **culturas temporárias** dos 3 mil/ha de SAU (-1.840ha que na década anterior), 96% são ocupadas por culturas forrageiras, nomeadamente milho (40,7%) e aveia (31,8%). Ao nível dos hortícolas destacam-se 2 culturas que, embora com menor expressão em termos de SAU, estão bastante enraizadas e com forte tradição: o **feijão-frade**, na Lardosa e a **melancia**, no Ladoeiro (uma das principais zonas de produção a nível nacional). As feiras locais organizadas em torno destes dois produtos (a do feijão-frade vai na IXª edição e a da melancia na Xª edição) têm fomentado o interesse por estes produtos, com reflexos no aumento da produção e, no caso da melancia, em investimentos ao nível da inovação (oferta de uma melancia sem

sementes, elemento diferenciador) e da certificação, ao abrigo do projeto Global GAP⁵, factores que lhe garantem maior competitividade e produtividade.

Os recentes investimentos em plataformas associativas, comerciais e logísticas como o InovCluster- Associação do Cluster Agroindustrial do Centro; a CATAA - Associação Centro de Apoio Tecnológico Agroalimentar; a Central Meleira; o Centro Agroalimentar do Ladoeiro e o Banco de Terras para Jovens Agricultores em regime de incubação, são bons indicadores da aposta recente que o Cluster Agro-Alimentar tem conhecido. Muitos destes investimentos estão a ser impulsionados por uma nova geração de agricultores que está a marcar a mudança no sector, possuidora de uma maior qualificação, diferenciação na actividade desenvolvida e produtos comercializados, apoiando-se numa capacidade de organização e gestão reforçada, indutora de um reposicionamento assente em estratégias de exportação com produtos de marca. Também recente, ainda em velocidade cruzeiro, destaca-se o **surgimento de nichos de mercado associados** à fileira do figo da índia, medronho e mirtilos, contando já com plantações interessantes e investimentos ao nível de infra-estruturas.

⁵O GlobalGAP é o referencial de certificação voluntário procurado por quem pretende exportar os seus produtos, uma vez que é reconhecido à escala mundial, em mais de 150 países. A certificação GlobalGAP visa: a) garantir a qualidade e segurança dos produtos, b) aceder aos mercados internos e de exportação mais exigentes e c) melhorar a organização interna da sua exploração